



**O MERCADO E A VIDA DE CRIANÇAS DO SEGUNDO ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
filhos de mães assalariadas**

Fernanda Spenazzato Seger\*

Marion Machado Cunha\*\*

**RESUMO**

Essa pesquisa teve como interesse problematizar a relação do tempo de trabalho das mães e tempo destinado ao acompanhamento dos estudos dos filhos. A pesquisa foi de caráter qualitativo na perspectiva de analisar as relações existentes da vida familiar no antagonismo do capital e trabalho, da condição assalariada das mães e a necessidade educativa dos filhos. A vida das mães expressa mais que um conflito entre a necessidade de trabalhar e o tempo destinado ao filho na sua formação escolar e de vida. Reveste-se da negação das relações familiares engendradas pelo mercado.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Mercado de trabalho. Mães.

**1 INTRODUÇÃO**

A pesquisa teve como interesse problematizar a relação do tempo de trabalho das mães e tempo destinado ao acompanhamento dos estudos dos filhos durante o segundo ano do ensino fundamental. Nesta medida, procuramos apreender esta realidade a partir do seguinte problema de pesquisa: analisar as relações existentes da vida familiar no antagonismo do capital e trabalho, da condição assalariada das mães e a necessidade educativa dos filhos. Esta orientação permitiu compreender as dificuldades no acompanhamento dos filhos de mães trabalhadoras em sua vida escolar.

---

\* Graduanda de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos do Professor Dr. Marion Machado Cunha.

\*\* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

A inserção da mulher no mercado de trabalho nos leva compreender suas dimensões e especificidades, considerando não só sua condição de trabalhadora, mas o também de mãe (casada, solteira ou divorciada), na conexão com o cuidado e acompanhamento escolar do filho.

Assim, a pesquisa realizada permitiu investigar os conflitos e os desafios que produzem na vida da mulher: trabalhadora e dona de casa e que exerce uma jornada múltipla de tarefas que requer mais tempo para realizá-las. No mesmo movimento, em que, sendo mãe, também necessita de tempo para sua prole, principalmente, em virtude da necessidade de dedicação ao processo educativo e em suas atividades.

Atualmente, muitas mulheres assumem um papel importante na renda familiar, às vezes, como única responsável para prover as condições de reprodução coletiva da família. Isso faz com que ela tenha muitos afazeres para pouco tempo disponível.

A pesquisa foi de caráter qualitativo, a concepção teórica na qual nos apoiamos vincula-se a corrente marxista, que forneceu referencial para a compreensão das relações estabelecidas entre o mercado de trabalho, as mães e seus filhos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A discussão inicia-se por uma reflexão crítica sobre o objeto a ser pesquisado, assim ressalta a importância do papel da mulher na sociedade bem como sua inserção no mercado de trabalho e ocupação mais ampliada nos postos de trabalho.

No movimento econômico da sociedade mundial, alterou-se não somente o modo de produção, mas também a vida das mulheres dessa época drasticamente. Com o surgimento das fábricas, ‘no contexto da Revolução Industrial, em que a força de trabalho das mulheres das classes trabalhadoras vai se tornando uma gigantesca fonte de lucro’ (MARX, 1980).

Através de pesquisas nacionais observou-se o aumento do número de mulheres inseridas no mercado de trabalho no Brasil, e que nos chama atenção é que em duas décadas os números dobraram. Ao analisar o crescimento ao tempo desse processo, isso nos leva a refletir as mudanças que esse fenômeno acarreta, sendo um deles nosso objeto de reflexão.

Entender quem era, naquele momento, essa mulher que entrou no mercado de trabalho também nos traz informações pertinentes às mudanças que ocorreram com essa inserção.

Essa jornada múltipla de tarefas que a mulher tem que nos desempenhar leva a refletir o quanto é difícil realizar tudo dando apoio às atividades escolares de seus filhos. A mulher que trabalha ao chegar em casa, tem muitas outras obrigações. Seu instinto de ‘cuidadora’ faz com

que sua dedicação no trabalho não esgote todas suas energias, pois ainda tem suas responsabilidades de casa.

A questão do gênero é uma das relações que se estabelecem no mercado de trabalho, algumas profissões são predominantemente femininas outras são ocupadas com maior porcentagem pelos homens e esse aspecto varia de acordo com o contexto e o mercado de trabalho, associado à cultura e às concepções históricas. Esse é um ponto que pesa muito no cotidiano delas, que além de sofrer a exploração do capital sobre sua força de trabalho, ainda sentem a preponderância masculina.

O avanço da mulher no mercado de trabalho, e até mesmo no seu papel na sociedade encontra-se de certa forma não alcançado, pois esses processos não podem ser superados se ainda existirem classes que fragmentem assim a sociedade.

Atualmente a sociedade que vivemos é fragmentada, dividida por classes. Essas determinadas pelo capital, logo, a libertação da mulher não será uma vitória conclusiva, para Lessa, ([2001-?], p.53) “O mesmo ocorreu no terreno da afetividade, deixou-se a história de lado e os ‘gêneros’ substituíram as classes. O feminismo terminou fortemente permeado pelas fantasias de que a libertação das mulheres poderia ocorrer sem a superação da propriedade privada.”

A sociedade que está definida pelo capital, e divide a população em classes definidas através de suas propriedades privadas, não pode ser apenas colocado em questão problemas de gênero, mas sim toda essa estrutura que promove uma distinção antagonista entre as pessoas, em termos de classe social. Entretanto a desigualdade social é um problema que agrava e atinge arbitrariamente a vida da sociedade, para poucos o processo é um mar de vantagens e para a maioria um rio de opressão.

Ocupou-se também à expor as influências do mercado de trabalho e do capitalismo sobre as instituições de ensino, para refletir sobre a educação veiculada pelo mercado de trabalho (FRIGOTTO, 1999).

A revolução no modo de produção que ocorreu no século XIX, que se vigora de forma quase absoluta, como sendo única forma de produzir a vida (MÉSZÁROS, 2004).

Disso, o antagonismo vivo do ser mulheres da classe trabalhadora reflete a contradição principal do capital, como Marx já explicitou: “produção” e “expropriação do trabalhador” e “apropriação” e “exploração do capital” por meio da “classe capitalista” (MARX, 1989).

A produção tornou-se mais rápida, alterando assim a vida das famílias, a dinâmica social da história e produzindo acúmulo de capital na mão de poucos (grandes proprietários),

a diferença que se estabelece entre as classes sociais nos faz refletir sobre a influência desse movimento na educação, e no desenvolvimento intelectual da população.

A classe que detém o poder, aquela a quem possui o capital, a maior parte dos bens e propriedades privadas, também possui a dominação sobre a classe a qual não desfruta de tais privilégios. A classe que detém esse poder é mesma que promove empregos para a classe dos trabalhadores, como esses precisam do seu trabalho para sustentar sua família, ficam presos a um sistema que não os dá muitas opções.

A sociedade dividida em classes também produz uma estrutura educacional fundada em classes sociais distintas e antagônicas. No Brasil, a elite paga para que seus filhos estudem nas escolas de educação básica particulares, espaço educacional privilegiado da classe dominante, enquanto os filhos dos proletariados estudam nas escolas públicas, que vivem na precariedade e sucateamento (infraestrutura, intensificação do trabalho dos professores, péssimas remunerações dos profissionais da educação). Essa é a realidade da sociedade do capital, cujas relações promovem-se pelo mercado e para os privilégios exclusivos da classe dominante e espoliação dos trabalhadores.

### **3 METODOLOGIA**

A realização da pesquisa aconteceu na cidade de Sinop, Mato Grosso (MT). Sinop é um espaço da produção material da vida, no qual os homens e mulheres trabalhadores criaram (criam) as condições para a vida existir. Sinop foi (é) produto do trabalho social (CUNHA, 2010).

A pesquisa foi realizada nos segundos anos do ensino fundamental da Escola Municipal Jardim Paraíso, com total aprovação de sua diretoria. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e questionários, a fim de compreender as relações estabelecidas pela condição de assalariadas dessas mães.

### **4 PESQUISA DE CAMPO**

A pesquisa teve em sua participação um total de treze mães, que responderam, em casa, um questionário que foi entregue pela professora na sala de aula. Dessas mães duas além de responderem o questionário participaram de uma entrevista. A participação do filho de uma das mães na entrevista colaborou na coleta de dados. Realizou-se também uma entrevista com a professora do segundo ano.

## **5 DESAFIOS: da mulher trabalhadora e sua dimensão familiar**

Nesta seção problematizamos as relações existentes entre a mulher trabalhadora, na condição de mãe, e os desafios existentes entre o tempo de trabalho e o tempo do cuidado de seus filhos, principalmente referente ao acompanhamento da vida escolar de nossos sujeitos da pesquisa. Cabe salientar que o capital, ao impor o mercado e a condição de vida assalariada à classe trabalhadora, subtrai as relações necessárias da organização da vida tanto individual quanto coletiva da mulher trabalhadora assalariada. Dentre essa coletividade, a existência familiar.

Apresenta-se que muitos filhos não vivem mais com a presença de pai e mãe, esta é uma realidade que modificou a estrutura familiar da população brasileira. A conquista da mulher por um novo lugar no patamar social se relaciona também com a não aceitação de submissão as demandas masculinas. Trazendo assim aumentos relevantes nos números de divórcios, situação revelada em nossa pesquisa.

A aceitação da sociedade do divórcio relaciona-se com as lutas das mulheres pela sua independência quanto à organização de suas vidas e superação do poder machista que se impõem nas práticas sociais e culturais da sociedade. Em outras palavras, são resultados dos conflitos (luta pela autonomia feminina e poder machista) que mediatizam a vida familiar. Evidentemente que estes conflitos têm dimensões exclusivas e singulares nas vidas efetivas das famílias e, especificamente, na forma como a mulheres se posicionam tanto à estrutura social e econômica quanto às leituras subjetivas (pessoal). Quanto à estrutura socioeconômica, está ligada à situação de a mulher superar a condição de subalternidade em relação à figura do homem, justamente por, muitas vezes, ser ela a provedora da vida familiar e conseguir inserção no mundo de trabalho assalariado.

Observamos também a realidade financeira das famílias que compuseram o universo de investigação. Duas famílias têm que suprir suas necessidades com menos de R\$200,00 por indivíduo, sendo que não possuem casa própria, necessitando pagar aluguel. Essa talvez seja a realidade de muitas famílias trabalhadoras brasileiras: baixos salários que refletem na baixa qualidade de reprodução familiar, de suas sobrevivências. Essas pessoas são vítimas do sistema capitalista, cuja riqueza se concentra nas mãos de alguns (classe capitalista), imprimindo a maioria trabalhadora situações de vida quase insustentáveis.

As relações capitalistas que condicionam a vida dos trabalhadores se potencializam enquanto forças reprodutivas. Mesmo levando em conta a liberação da mulher para o mercado

de trabalho como resultado da luta pela independência da mulher revela-se como dominação do capital disfarçada de liberdade e autonomia de prover a vida. O capital é mais do que uma relação econômica, consiste em antagonismos centrado nas premissas do que Marx já apontou: “a reprodução do capital” e “acumulação de riqueza” consistem, “num polo”, acumulação da miséria, de trabalho atormentado, de escravatura, ignorância, brutalização e degradação moral, no polo oposto, constituído pela classe cujo produto vira capital.

Ao recorrer ao nível de escolaridade das mães pesquisadas, nos deparamos com a baixa escolaridade. Delas, quatro mães têm apenas ensino fundamental, duas com ensino fundamental incompleto. E duas mães com ensino médio completo e apenas uma com ensino superior completo. Na contradição de trabalhadora e a reprodução do capital, não há somente a expropriação material, mas também dos direitos de acesso e permanência na escola, refletindo no impedimento do conhecimento historicamente produzido pela humanidade (FRIGOTTO, 1999).

## **6 UM MERCADO QUE DESTITUI A MULHER NO CUIDADO DO FILHO NA ESCOLA**

Na condição de trabalhadoras assalariadas, ainda cabe, abordarmos, neste momento, a relação das mães participantes desta pesquisa com o mercado de trabalho no que tange o cuidado do filho. Em nossa pesquisa foi possível observar a situação dessas mulheres.

Para uma pesquisa com treze mães, desse total apenas quatro não estão inseridas no mercado de trabalho, as outras nove estão inseridas. A maioria relatou que participam do mercado de trabalho por necessidade financeira.

A efetividade da presença dos membros familiares na vida educacional das crianças sofre com as conseqüências do mercado de trabalho, que acaba por ausentar a mãe de alguns momentos com o filho, ou de quase todos, limitando a presença afetiva na organização familiar e escolar do filho.

A realidade da destituição na educação dos filhos se dá na perda de muitos momentos fundamentais da organização familiar, da ausência da mãe, que pode se expressar inclusive na intimidade de seus membros, como, por exemplo, estar junto às refeições dos filhos, e que em muitas casas brasileiras atualmente perde-se o costume e o significado de um cuidado alimentar e saudável – apesar de que, para o capital, quando se fala do cuidado alimentar, sua referência prática não atende a efetiva condição de vida de milhões de pessoas classe trabalhadora. Esse movimento de conflito é um dos momentos do antagonismo do capital e

trabalho, entre a necessidade de reprodução capitalista e a realidade de expropriação das mulheres trabalhadoras: a vida das mães assalariadas é condicionada a imprimir maior tempo ao trabalho para que assim consigam garantir o mínimo das condições de manutenção da vida.

A pesquisa revela que muitas mães que precisam trabalhar e não contam com ajuda de uma pessoa que possa ajudar nas atividades domésticas. E assim geralmente deixam seus filhos pequenos sob cuidados de um filho, geralmente, mais velho, ou com os avôs ou sob o cuidado de um vizinho.

Revelou-se que poucas mães têm o auxílio de uma funcionaria para cumprir com as atividades domésticas. A pesquisa aponta a situação para a qual essas mães além de trabalhar, tem que chegar em casa e realizar essas atividades, que necessitam de tempo e disposição. Ainda faz parte da vida dessa mulher fazer compras de produtos necessários para o dia-a-dia, como alimentos, materiais de higiene e etc. Entende-se por esse fenômeno da vida atual feminina que, ao chegar ao final desse dia cheio de atividades e obrigações, essa mãe sinte-se sobrecarregada e esgotada, sem disposição para dar atenção ao filho.

## **7 CONCLUSÃO**

Nossa pesquisa mergulhou nas condições de vida das mães que estão inseridas no mercado de trabalho e seus filhos, mesmo sendo um universo considerado singular e pequeno de investigação, se comparado com o universo total de mulheres trabalhadoras. No entanto, procuramos as mães que vivem e enfrentam a difícil jornada do ofício de mãe enquanto trabalhadora assalariada. O interesse de observar quais as relações existentes entre a vida dessa mulher e o mercado de trabalho, nos levou a buscar com elas essas respostas.

A condição de assalariada das mães promove dimensões opressoras e impeditivas do sujeito mulher na condição de sua existência, de matizes distintos em suas vidas, principalmente, quando se trata de mães, mulheres, trabalhadoras, casadas ou solteiras.

A luta pela vida das mulheres se dá nos limites da reprodução do capital expropriador, imprimindo desafios que poderão ser superados somente na perspectiva inclusive da luta contra o próprio capital.

A desigualdade social é um problema que agrava e atinge arbitrariamente a vida da sociedade - para poucos (a classe capitalista) o processo é um 'mar' de vantagens e para a maioria um 'rio' de opressão. Os problemas de entre o homem e a mulher não podem ser resumidos apenas á questão de gênero, pois se encontram ligados à divisão social, à propriedade e as relações de classes sociais e suas lutas.

Observamos que a estrutura educacional sofre influências (produto e produtora) do sistema capitalista, pois a realidade econômica do Brasil é capitalista. O país que se guia pelo capital gera desigualdades e esse movimento reflete na educação e nos seus sujeitos.

Pela pesquisa, observamos que a estrutura familiar se alterou e assim muitos filhos não vivem mais com a presença de pai e mãe, os índices de divórcios crescem cada vez mais. Sentimos que esse aspecto pode ter relação com a conquista da mulher por ‘espaços’ na sociedade. A mulher que chegou ao mercado de trabalho sente-se sobrecarregada de tarefas, e ainda tem de lutar contra o antagonismo de sua vida. Enfrenta todos os dias a opressão do capital. A luta da mulher para superar a condição de subalternidade em relação a figura do homem a imprime a relação direta da exploração e espoliação do mercado.

A liberação da mulher para o mercado do trabalho imprimiu mudanças estruturais na família e inclusive na dimensão do papel da mãe trabalhadora e também assalariada. Muitas vezes, ser ela acaba por instituir-se como a única provedora da manutenção da vida dos filhos.

Observamos também a realidade financeira das famílias que compuseram o universo de investigação. Essa talvez seja a realidade de muitas famílias trabalhadoras brasileiras: baixos salários que refletem na baixa qualidade de reprodução familiar, de suas sobrevivências. Essas pessoas são vítimas do sistema capitalista, cuja riqueza se concentra nas mãos de alguns (classe capitalista), imprimindo a maioria trabalhadora situações de vida quase insustentáveis.

O nível de escolaridade das mães pesquisadas nos mostrou uma baixa escolaridade. Percebemos a relação da baixa escolaridade com o acesso dos brasileiros a educação, sendo o sistema educacional do país ditado pelas influências econômicas, onde sempre são valorizados os que possuem. Para aqueles que não possuem propriedades e bens restam à falta de acesso às condições mínimas à dignidade da produção da vida.

Observamos a necessidade de trabalhar que essas mães têm, pois muitas vezes ser a única provedora de renda para sua família. Também notamos as dificuldades encontradas pelas mães para conseguir manter sua família com um salário baixo. Toda essa realidade está ligada ao mercado de trabalho e as condições do sistema que oprime a classe trabalhadora.

As reflexões aqui neste artigo são aproximativas de outras formas de opressão e violência que vive a mulher enquanto sujeito do mundo do trabalho e pode ser aprofundada em outros campos de suas relações: da vida e do cotidiano, não só na perspectiva de mãe, mas a da esposa, a de companheira, a de filha, a de amiga. De apreendê-la na conexão com o espaço efetivo do trabalho, da hora subtraída pelo capital e sua organização.

Ainda, necessitamos de mais pesquisas na área da realidade dos alunos relacionadas à vida das mães que trabalham, com reflexões críticas e teóricas. Dessa forma, para



concluirmos, é fundamental apreender a dimensão da mulher-mãe-trabalhadora nas conexões de sua vida enquanto classe social – a trabalhadora. Sua existência na sociedade do capital é o efeito da luta de classes centrada entre o próprio capital e o trabalho. A emergência da superação da opressão feminina está na emergência da superação do capital.

**IL MERCATO E LA VITA DI BAMBINI DEL SECONDO ANNO  
DELL'INSEGNO FONDAMENTALE:  
figli di madri assoldate**

**RIASSUNTO<sup>1</sup>**

Questa ricerca ha come interesse problema problematizzare la relazione del tempo di lavoro delle madri e tempo destinato all'accompagnamento degli studi dei figli. La ricerca è stata di carattere qualitativo nella prospettiva d'analizzare le relazioni esistenti della vita familiare nell'antagonismo del capitale e lavoro, della condizione assoldate delle madri e la necessità educativa dei figli. La vita delle madri espressa più che un conflitto tra la necessità di lavorare e il tempo destinato al figlio nella sua formazione scolare ed di vita. Si riveste della negazione delle relazioni familiari generate per il mercato.

**Parole-chiave:** Insegno Fontamentale. Mercato di lavoro. Madri.

**REFERÊNCIAS**

- CUNHA, Marion Machado. **O trabalho dos professores e a universidade do estado de Mato Grosso em Sinop/MT na década de 1990: o sentido do coletivo.** Porto Alegre, 2010.
- FRIGITTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva.** São Paulo: Cortez, 1999.
- LESSA, Sergio. **Abaixo o casamento monogâmico!** [S.l.: s.n.], ([2001-?]).
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital.** 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 1.1.v.2.

---

<sup>1</sup> Tradução realizada pela Jéssica Martins Maraccini (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).